



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

ÓRGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO VII - Nº 121 - 1ª QUINZENA DE NOVEMBRO DE 1996 - R\$ 1,00

**Combater nas ruas o novo pacote do governo,  
que descarrega ainda mais a crise sobre os  
assalariados e o funcionalismo!**

**Para enfrentar a superexploração do trabalho,  
o desemprego e a destruição dos serviços sociais,**

**Luta unitária e nacional de massa,  
para por abaixo o plano antinacional  
e antipopular de FHC!**

**No 2º turno, novamente,  
VOTO NULO**

**Contra a fome, a miséria e  
a politicagem burguesa!**

**Por um programa anticapitalista  
e um partido revolucionário!**

**POR** *Tendência pelo Partido Operário Revolucionário*

**Eleições-96**

**As massas foram  
arrastadas pelos  
partidos patronais,  
com a colaboração  
dos reformistas e  
da esquerda.**

# A Quinzena de Luta do Movimento Operário

As reivindicações da classe operária não são as mesmas e se opõem às dos capitalistas. As direções sindicais estão se utilizando dos sindicatos e levando os operários a participarem de campanhas em defesa dos patrões. Os sindicatos são organismos de luta e defesa das reais necessidades dos trabalhadores, e as direções traidoras estão arrastando os operários para a política pacifista burguesa. Na passeata contra o desemprego foram reivindicar conquistas e direitos para os próprios patrões. Reivindicar nova alíquota para a indústria automobilística, liberação de empréstimos com juros baixos para modernizar as fábricas, redução de impostos sobre a produção, melhorias nas telecomunicações e nos portos etc. não são necessidades da classe operária.

O método da classe operária no combate ao desemprego e melhoria salarial só pode ser a ação direta, a paralisação da produção e a resistência. A manifestação em frente ao Ministério da Fazenda, quando se reuniram, segundo a grande imprensa, 13 mil trabalhadores dispensados pelos patrões, demonstra o afrouxamento e a traição das direções sindicais.

\* Metroviários ganham ação na justiça. A Companhia do Metrô reclamava indenização pela greve de 24 horas realizada em 1994

\* Vigilantes da Alvorada Segurança fazem protesto contra atraso no pagamento do salário de setembro.

\* Trabalhadores da Durocrin ficam sem receber o salário de agosto e setembro.

\* Metalúrgicos da Fanandre em greve contra a proposta de R\$ 80,00 de PLR e ainda parcelados em duas vezes.

\* Metalúrgicos da CUT e Força Sindical farão "negociações" com os patrões separadamente por setor e datas diferentes. Os operários devem impedir estas manobras das direções e chamar uma campanha

salarial unificada de toda a categoria. Esperar negociadas é já estar disposto a acatar as propostas dos patrões.

\* Metalúrgicos da Mercedes de Campinas desempregados com a desativação da produção de ônibus monobloco. O pacote de benefícios não é solução para o desemprego. Os patrões já demitiram em um ano 75% dos operários. Vai manter apenas 1.060 operários e pretende aumentar a produção de plataformas de ônibus em 97. Os empregados e desempregados devem lutar pela redução da jornada de trabalho e garantir emprego a todos. A fábrica quer produzir mais com menos trabalhadores.

\* Químicos da Mack Ross realizam ato público pela reintegração de sindicalista demitida na campanha salarial.

\* Têxteis da Guilherme Jorge entram em greve contra atraso no pagamento dos salários de setembro e há 3 anos sem depositar o FGTS.

\* Aeroviários iniciam campanha salarial unificada: 17% de reposição salarial, 12% de produtividade, cesta básica de R\$ 150,00.

\* Bancários de São Paulo e Mato Grosso fecham acordo com a Fenaban, mas os bancários do Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte fazem assembléia para avaliar proposta dos banqueiros.

\* Gráficos de jornais e revistas reivindicam na data-base (1º de Outubro) 25% de reajuste salarial, com 10% de aumento real, pagamento de 100% nas horas extras.

\* Carteiros se mobilizam por 5% de aumento real, reposição da inflação e PLR. O Programa de Demissões da ECT não paga as indenizações e tem descontado encargos dos voluntários, como o imposto de renda.

\* Operários da Emotec Construção fazem greve exigindo pagamento do salário de setembro.

\* Trabalhadores da Grad-Fer, de Guarulhos, demite e paga rescisões com cheques sem fundo. Metalúrgicos acampam dentro da fábrica e patrão entrega automóvel para venderem e repartirem o dinheiro. O carro foi vendido há R\$ 8.000,00. As indenizações foram estimadas em R\$ 50 mil.

\* Têxteis da Tecelagem T. Gabriel desempregados pelo fechamento da fábrica levam calote de patrão, que não pagou as verbas rescisórias.

\* Trabalhadores da Sirma, fábrica de máquinas de móveis, em greve há 4 dias por causa do atraso do salário de setembro.

NACIONAL



**ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS**

**O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO**

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

NO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA

CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970

CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN

# Governo ataca com novo pacote

O governo FHC esperou até que os votos estivessem depositados nas urnas das eleições municipais para despejar mais um pacote econômico que afeta a vida das massas. Esse conjunto de medidas estava pronto há dois meses, mas FHC temeu por sua influência nas eleições e adiou o ataque para depois do engano eleitoral.

O pacote é uma imposição do Fundo Monetário Internacional, que exige e redução do déficit público a qualquer custo. O governo tentava aprovar no Congresso as reformas tributária e fiscal que viabilizassem a redução do rombo nas contas públicas. A lentidão das negociações, que esbarram nos interesses das oligarquias regionais e acirram a disputa entre os estados pela instalação de empresas, obrigou o governo a apelar para a decretação do pacote através de medida provisória.

O episódio mostrou a farsa da democracia burguesa. Os capitalistas e seus cupinchas vivem repetindo que a democracia se baseia no voto popular e na representação parlamentar. Mas apenas os países capitalistas mais desenvolvidos (imperialistas) conseguiram implantar democracias com alguma estabilidade. Na esmagadora maioria dos países do planeta, atrasados e submetidos à opressão e saque imperialistas, as democracias são extremamente frágeis, quando vegetam.

## O conteúdo do pacote

As medidas impostas são:

1) Prorrogação do Fundo de Estabilização Fiscal, antes chamado Fundo Social de Emergência. Este Fundo é um mecanismo para o governo cortar gastos com os serviços sociais (saúde, educação etc.) e os repasses de verbas aos municípios. Com o dinheiro, o governo mantém parte do parasitismo financeiro (pagamento de juros das dívidas).

2) Demissão de funcionários contratados.

3) Fim da licença prêmio.

4) Ampliação do afastamento sem remuneração para 3 anos. Assim o governo pode fazer demissões "virtuais", afastando funcionários sem lhes pagar salários.

5) Extinção de várias aposentadorias especiais.

6) Corte no cálculo da aposentadoria proporcional, para evitar as aposentadorias antes do tempo total de contribuição. Quem se aposentar antes, perde mais. E corte de promoções e contagem de horas extras e gratificações nos cálculos.

7) Fim da transferência e utilização do tempo de serviço da área rural para a urbana.

8) Adicional por tempo de serviço passa de anuênio para quinquênio, arrojando ainda mais os salários de servidores.

Ainda se discute novas medidas, como a gratificação pela demissão voluntária.

Esse conjunto de medidas afeta diretamente os funcionários públicos e os trabalhadores que estão próximos de se aposentar, mas também afeta o conjunto da população, pelos cortes em gastos com serviços sociais e investimentos públicos.

O corte dos gastos públicos pretendido pelo governo é de 6,5 bilhões de dólares. Dias antes das eleições, o diretor do FMI, Camdessus, expressava suas preocupações com o déficit público e a pressão que isso exercia contra o plano Real e como dificultava a cada dia o cumprimento dos compromissos do governo com o parasitismo financeiro. Reclamava da vagarosidade da aprovação das reformas no Congresso. Está aí a resposta do governo.

## Qual a resposta das direções sindicais e populares?

As direções da CUT, sindicatos e movimentos populares têm dado todo tipo de pretexto para não chamarem a luta nacional de massa contra o plano antinacional e antipopular de FHC. Dizem que os trabalhadores estão apáticos e com medo do desemprego, que a greve é um instrumento desgastado, que o negócio agora é utilizar mais a pressão político-parlamentar. A desmoralização do parlamento diante do pacote de FHC é mais uma prova de sua total impotência diante dos problemas políticos nacionais e de sua total submissão ao imperialismo. A submissão das direções corrompidas e burocratizadas ao parlamento as colocam de joelhos diante da opressão capitalista externa e interna.

O reformismo joga claramente um papel de imobilismo e conciliação de classes, que está conduzindo os assalariados a condições de vida cada vez piores, diante da ofensiva capitalista.

A divisão das lutas e a paralisação das organizações de massa, amordaçadas pela política de conciliação de classe, viabilizam a aplicação das reformas neoliberais.

## A resposta proletária

Tais medidas acumulam os elementos da crise estrutural do capitalismo, em vez de resolvê-los. Impõem retrocessos ao país semicolonial e amplia barbaramente a crise social. Quem lucra com isso é o capital financeiro imperialista. Como se vê, cada passo desse governo mostra seu servilismo aos ditames das potências, que na arena internacional se degladiam em torno da crise de superprodução. Os reformistas e burocratas sindicais, ao ficarem encolhidos, por sua vez, mostram seu

servilismo em relação ao governo pró-imperialista. Em nome de uma "alternativa democrática e popular" amordaçam os sindicatos e culpam os trabalhadores por "estarem desmobilizados".

O Partido Operário Revolucionário (POR) rechaça essa conviência e defende que a CUT lance imediatamente uma campanha nacional pela derrubada integral do Plano antinacional e antipopular de FHC. Uma campanha que tenha como centro as reivindicações: 1) Fim de todas as medidas antioperárias e pró-imperialistas; 2) Fim dos acordos e imposições das potências imperialistas sobre o Brasil; 3) Fim da miséria, estabelecendo um piso salarial nacional no valor correspondente ao salário mínimo real de 1500 reais; 4) Proteção do valor dos salários, através da escala móvel de reajustes; 5) Fim das demissões e do desemprego estrutural, através da redução da jornada de trabalho (sem diminuição de salário) para 6 horas (escala móvel das horas de trabalho); 7) Defesa das conquistas sociais, como aposentadoria por tempo de serviço, estabilidade a todos os trabalhadores, Previdência pública, saúde e educação gratuitas; 8) Fim dos latifúndios e entrega das terras aos camponeses pobres; 9) Fim do parasitismo financeiro, industrial e comercial, por intermédio da expropriação, sem indenização, e estatização sob o controle dos trabalhadores; 10) Pela reestatização das empresas privatizadas e defesa do estatismo contra a desnacionalização pró-imperialista; 11) Punição de todos os crimes de classe da burguesia, criando os Tribunais Populares.

Com esse programa, convocar assembleias sindicais, populares e universitárias. Organizar comitês de frente única antiimperialista e anticapitalista por todo o

NACIONAL



país. Constituir um comando nacional baseado e controlado pelos organismos de base. Desenvolver o método da ação direta, através de manifestações, greves, ocupações etc. Será através desse caminho, que os trabalhadores ganharão confiança em sua força social e elevarão a consciência revolucionária, dirigida a destruir a fonte de exploração capitalista e opressão imperialista.

### Quem são os privilegiados?

Novamente, o governo vem com a conversa de que a MP da Reforma Administrativa e da Previdência é para pôr fim aos privilégios do funcionalismo e assim proteger o Real, ameaçado

pelo déficit público. O Presidente farsante esconde que os únicos privilegiados são os parlamentares, juizes e toda cúpula governamental. Os trabalhadores estatais comem o pão que o diabo amadou. Há dois anos não têm reajuste. E as demissões planejadas jogarão milhares na rua, numa situação de crescente desemprego em todos os ramos da economia. Não fará senão agravar a crise social em pleno desenvolvimento.

Sabemos muito bem que a verdadeira finalidade não é acabar com nenhum privilégio, caso contrário seria acabar com a própria classe burguesa parasitária e seu governo. O que se pretende é cumprir as exigências dos credores internacionais, sedentos de receberem em dia os juros e correções da dívida externa. Inclui-se aí os capitalistas responsáveis pelo endividamento interno monstruoso.

Com o Plano Real, se criou uma artificial estabilidade monetária, sustentada pelas altas taxas de juros pagas pela União aos especuladores internacionais, pela invasão de mercadorias estrangeiras motivada pela abertura comercial e pelo arrocho salarial generalizado. Essa política econômica quem paga são as massas, incluído nelas o funcionalismo. Os burocratas, políticos e magistrados continuarão a gozar de toda mordomia. É para isso que governam os interesses da burguesia contra os explorados.

Não há outro caminho senão organizar greves, manifestações, ocupações e todo tipo de resistência de massa contra o pacote e planos do governo antipopular.

Nacional

## Globalização prova que capitalismo mantém atraso mundial

Uma pesquisa do Instituto de Estudos sobre Política norte-americano mostra que as 200 maiores empresas do planeta são responsáveis por mais de 25% de toda a produção mundial. São as empresas mais desenvolvidas, que têm maior aplicação de tecnologia, informática e robótica, executaram a fundo a reorganização do trabalho etc. Entretanto, empregam apenas 18,8 milhões de empregados, o que equivale a 0,25% do mercado de trabalho mundial. Esse quadro é agravado nos setores mais avançados: as cinco maiores montadoras de veículos produzem 60% das vendas globais. Na área eletrônica, as 5 maiores também superam a metade de tudo o que se produz no planeta. Nas áreas de transporte aéreo, aeroespacial, siderurgia, petróleo, computadores pessoais, produtos químicos e mídia, as cinco maiores controlam mais de 30% das vendas mundiais.

A altíssima concentração de capital mostra a face integral do capitalismo monopolista, ou seja, todas as suas contradições. Primeiro, em relação às 200 maiores empresas, que utilizam da superexploração do trabalho no mais elevado grau, verificamos que, se os seus métodos de produção e sua capacidade produtiva fossem aplicados por todo o planeta, atingindo 100% da produção, então só seriam necessários um por cento dos assalariados para produzir o mesmo que se produz hoje no mundo todo. Ou, se dividíssemos as 200 horas médias de trabalho desses 1% entre todos, teríamos uma jornada de trabalho de 2 horas por mês para cada pessoa. Por aí se vê a brutal exploração do trabalho a que estamos submetidos na sociedade capitalista.

Outra contradição importante é o gigantesco pântano de atraso em que é mantida a economia mundial, em benefício das maiores empresas (monopólios). O valor das mercadorias é dado em última instância pelo trabalho humano médio que é gasto para produzi-las. Esse valor é a média entre as mercadorias produzidas utilizando-se os métodos mais avançados de produção e aquelas feitas de modo praticamente artesanal. Assim, apesar de contar com pouco trabalho humano efetivo, as mercadorias das empresas mais avançadas recebem preços maiores graças às mesmas mercadorias produzidas com os métodos mais atrasados. Na fase imperialista do capitalismo, em que ele se

tornou um sistema econômico internacional, isso se reflete em escala mundial. As multinacionais se beneficiam do atraso predominante e multiplicam seus lucros. Hoje os ideólogos da burguesia falam muito em "modernização", no que são copiados pelos papagaios do reformismo. Mas os dados provam que o capitalismo mantém uma produção no atraso, concentrando capitais e mercados nas mãos do capital financeiro. Os estados nacionais, com todo seu aparato militar repressivo, são os instrumentos para a aplicação dos ditames dessas poucas dezenas de multinacionais que controlam a economia mundial.

Conforme Lenin já colocava, a luta de classes se projetou internacionalmente. A compreensão da importância da luta antiimperialista é condição para se travar a luta para libertar as forças produtivas reprimidas pelo capitalismo apodrecido histórica e economicamente.

A dita "globalização" nada mais é que o capitalismo na sua etapa última de desenvolvimento, o imperialismo. Etapa em que se decompõe, devido à agudização do choque entre as forças produtivas altamente desenvolvidas e as relações de produção capitalistas, na forma monopolista. Essa característica nos indica que estamos numa situação de grandes turbulências, de barbárie, guerras e revoluções.



## O que acontece sob o governo de Cristóvam Buarque do PT?

O reassentamento de 2 mil famílias pelo Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab), deu lugar a um rebeldia dos moradores pobres. Revoltados com a medida, derrubaram o recém-construído escritório do Idhab. Tudo quanto é politiquês se mete no movimento de moradia para tirar proveito. Desta vez, os moradores não aceitaram a derrubada de seus barracos e a construção do escritório.

Numa manifestação coletiva, puseram tudo abaixo. A principal denúncia é que o governo de Cristóvam não soluciona o problema da moradia. Esses acontecimentos servem para mostrar o fracasso dos governos petistas, que estão a serviço da burguesia, procurando administrar o capitalismo decadente.

### Volks mostra que ampliará desemprego

A instalação da fábrica de motores da Volkswagen no interior de São Paulo, com 500 empregados e a montagem da nova unidade em Resende (RJ) mostram uma tendência geral da indústria capitalista no país.

A fábrica de motores de São Paulo fornecerá para todo o Mercosul, com ampla utilização de automação industrial. A fábrica de Resende é na verdade um consórcio com várias e diferentes empresas, através do qual a Volks terceiriza a produção e impõe a divisão de categorias entre os funcionários.

Trata-se de uma tendência geral que se impõe no país. É consequência da crise mundial de superprodução capitalista e da necessidade de frear a tendência própria do capitalismo de redução das taxas de lucro. Com o mercado mundial estagnado, os países imperialistas pressionam os atrasados para que abram suas economias e garantam o pago das dívidas.

A penetração das mercadorias estrangeiras no país obriga a reorgani-

zação da produção, com o aumento da exploração do trabalho através de ritmos mais intensos, jornadas mais extensas, aplicação limitada de tecnologia.

A consequência para os assalariados só pode ser o arrocho salarial, em benefício dos capitalistas e imposta com o aumento do desemprego e da desqualificação (mal-chamada de especialização). A tendência à redução do nível de emprego é muito forte e inevitável sob o capitalismo. A defesa de emprego para todos é uma luta que depende da unidade nacional das massas para impô-la aos capitalistas à força, com o método grevista, com ocupações, manifestações de rua etc.

Na Volks, a redução do número de empregados e a divisão dos trabalhadores impulsiona essas tendências, porque leva à demissão massiva e reduz a capacidade de resistência unitária dos assalariados.

A burocracia sindical vem colaborando com os capitalistas e o governo ao amordaçarem as centrais e os sin-

dicatos frente às demissões em massa. Sem a unidade dos empregados e desempregados não teremos como reagir aos ataques da burguesia. Tal unidade é possível se os sindicatos e movimentos populares abrirem guerra ao desemprego, convocando assembléias, manifestações e, sobretudo, preparando-se para defender a ocupação das fábricas.

Para travar a luta consequente contra o desemprego, trata-se de organizar os movimentos na perspectiva da luta antiimperialista e anticapitalista, dirigida pelo proletariado. Do contrário, cada vez mais e mais desemprego e miséria.

Nacional



### A expulsão dos garimpeiros em Serra Pelada

Depois de 170 dias de bloqueio das Sondas da Vale do Rio Doce, pelos garimpeiros de Serra Pelada, o governo decidiu intervir com o exército e polícia federal. Um batalhão de mil homens preparados para a guerra tomou de assalto a Vila dos garimpeiros, quebrou o bloqueio e prendeu lideranças.

Os trabalhadores do garimpo deram a vida nas escavações de Serra Pelada e enriqueceram receptores e grandes comerciantes. Finda as possibilidades de lavra e a expansão do domínio da Vale do Rio Doce na região, milhares de garimpeiros passaram a viver o tormento da total penúria. A sua luta era e é pela continuidade do trabalho no garimpo

Serra Leste.

O movimento começou a se enfraquecer no momento em que a Vale fez a proposta de indenização de 6 mil reais por família - uma esmola. Assim, uma parte aceitou pressionada pelas lideranças vendidas e arrivistas. A outra continuou a luta com o bloqueio das sondas.

O governo adiou a intervenção militar-policia devido à repercussão do massacre dos sem-terra de Corumbiara e de Eldorado dos Carajás. Aguardou a situação em que a resistência dos garimpeiros não era possível.

Mais uma vez a experiência das lutas sociais mostra que o governo, o Estado e o exército-policia são instru-

mentos da ditadura de classe da burguesia sobre os explorados. A vitória dos garimpeiros dependia não só de terem organizado a auto-defesa mas também da mobilização nacional da classe operária e camponeses pobres. As direções reformistas e a burocracia sindical são o bloqueio que impede a unidade solidária dos explorados.

Fora o exército do garimpo! Nenhum processo e prisão das lideranças do movimento!

# A opressão nacional no interior do Brasil

Os índios Guajajaras sequestraram um ônibus de passageiros a 558 km de São Luís, Maranhão. Os Guajajaras fizeram reféns para exigir do governo a construção de uma rodovia, que quebre seu isolamento. Vários têm sido os conflitos dessa tribo, que reúne cerca de 5 mil índios. Volta e meia se chocam com posseiros.

No Xingu, os índios do Posto Diauarum se armam para a guerra contra garimpeiros e seringueiros.

Em reunião na sede da Funai, em Brasília, os Xavantes aprisionaram o presidente da instituição, Júlio Gaiger.

Armados de lanças e flechas, um grupo de índios uaimiris-atroaris, em Roraima, cercou uma mina de cassiteria em Pitinga. Também bloquearam a estrada por onde é escoado o minério. Os uaimiris-atroaris exigem que a empresa lhes pague por utilizar seu território.

Esse conflitos explodiram todos em outubro. O fato é que constantemente os povos indígenas saem em luta para se defender da situação de miséria em que foram empurrados. E contra a invasão de suas terras. Sob o governo de FHC, se aprovou uma nova regulamentação que pressupõe refazer a demarcação das terras indígenas. O objetivo é reduzi-las e entregá-las a grileiros.

Não é preciso se estender na história de opressão colonizadora, que dizimou milhões de nativos brasilei-

ros. Hoje estão reduzidos a pouco mais de 250 mil índios, segundo dados governamentais.

Pois bem, a opressão nacional continua ocorrendo no interior do capitalismo. A tendência é da burguesia destruir definitivamente o que resta de uma centena de povos índios. A política de proteção através da Funai e do sistema de reservas não evitará a continuidade de sua dizimação. Nossa defesa é de auto-determinação dos povos índios, que quer dizer que tenham seu próprios território, sua organização social e seu desenvolvimento independente. Essa luta, no entanto, só será resolvida se o proletariado tomar o poder e destruir o regime de exploração do trabalho, de onde nasce todas as variantes de opressão nacional.

NACIONAL

## O trabalho escravo infantil e a hipocrisia burguesa da cidadania

Virou moda a palavra cidadania. Os políticos do PT e os padres vestidos de "humanismo" usam e abusam dela. Mas agora não são só eles os abusadores. Do governo pró-imperialista ao mais choramingoso reformista ouvimos que é preciso "resgatar a cidadania". A que se refere? À pobreza, analfabetismo, crianças de rua, sem-teto, sem-terra etc. Na visão hipócrita religiosa, antigamente, eram os desvalidos e sofrendores, que um dia ganhariam o "reino dos céus". Agora, aos desvalidos, se oferece menos a bênção do outro mundo e se concede mais a dita cidadania.

Então, o que é ser cidadão? Seria os pobres poderem comer, se vestir, ir à escola, ter um teto, enfim ter um mínimo para a sobrevivência. Se é assim, por que é que falamos que não passa de hipocrisia burguesa? É que enquanto se fala em cidadania, os trabalhadores continuam passando fome. Logo vemos que o discurso da cidadania só serve para acobertar as raízes da pobreza e da miséria da maioria oprimida.

Todas essas desgraças que atingem os trabalhadores vêm de uma só fonte: a exploração capitalista do trabalho e a acumulação de capital. Sem se mexer nessa causa, não se pode resolver o esmagamento da vida dos que produzem. E quem pode ir ao fundo do problema? São os próprios explorados, tendo a classe operária como linha de frente. Estes têm seu método próprio que é o combate direto, coletivo e de massa, contra os capitalistas exploradores. O que quer dizer que a miséria e a fome serão superadas através da luta de classes.

Ao contrário disso, a famosa cidadania é uma maneira da burguesia, através de seus porta-vozes, iludir com a promessa de distribuição de renda, com as mentirosas reformas sociais e com os programas governamentais de "auxílio" aos fa-

mentos, a exemplo da Comunidade Solidária, das ONGs, das campanhas da CNBB, Betinho etc. Vemos que a cidadania não passa de um jogo do poder burguês para evitar a explosão social e obscurecer a barbárie.

Uma dessas campanhas têm se dado em torno do trabalho infantil e do trabalho escravo. A exploração de crianças tem chegado a uma situação escandalosa. Os capitalistas utilizam essa mão de obra para trabalhos pesadíssimos e perigosos, como nas carvoarias, pedreiras, salinas, canaviais etc. Um exemplo vergonhoso é o do chamado "Projeto Vale Cidadania", lançado no Mato Grosso do Sul. Nesse região se localiza um complexo de carvoarias, onde o trabalho infantil é largamente utilizado e todo mundo sabe que impera o regime de semi-servidão. O tal projeto se baseia em um vale (bônus) destinado às famílias que empregam seus filhos nas carvoarias, no valor de 50 reais, tendo por objetivo levar as crianças às escolas. Essa esmola é uma cópia do projeto "Bolsa-escola", do governador petista Cristóvam Buarque. Por sua vez, o bolsa de Cristóvam é uma versão da lata de leite de Maluf, dos tickets-esmolos e da renda mínima de Suplicy.

A maioria dos pais dessas crianças ganha quando muito um salário mínimo. Está aí porque seus filhos têm de ir para as carvoarias. Nem o governo, nem os petistas querem tocar na escravidão assalariada, que dá altos lucros aos capitalistas. Assim, os programas da cidadania não passam de uma proteção aos interesses dos exploradores. Nada têm a ver com a solução do trabalho infantil ou com a semi-servidão. É preciso denunciar essa manobra da cidadania e levantar um programa que verdadeiramente defenda a vida dos trabalhadores e que ponha fim ao sistema capitalista de exploração do trabalho.



# Vale do Rio Doce: até que ponto chega o entreguismo do governo FHC

Sob pressão dos credores internacionais e dos críticos imperialistas do FMI, o governo FHC promete acelerar seu plano de privatização. Ao lado da Petrobrás e Telebrás, a Companhia Vale do Rio Doce comparece como o mais valioso negócio. As multinacionais, banqueiros e grandes investidores mundiais se preparam para abocanhar o setor estratégico de extração mineral sob o comando da Vale. Autoridades governamentais avaliam em cerca de 10 bilhões de reais essa estatal.

Os capitalistas rapinas se alvoçam diante de tamanho presente. Sabem que o valor da Vale está nos trilhões enterados no subsolo. Ninguém desconhece a importância estratégica que tem para o país o controle das fontes minerais de ferro, manganês, ouro etc. Porém, a burguesia nacional e seu

Estado se curvam perante as exigências do imperialismo de privatizar e abrir a economia nacional para os poderes monopólios externos.

O que impressiona é a colaboração da burocracia sindical cutista e do reformismo impotente. Não se faz nenhuma campanha em defesa do estatismo e da luta antiimperialista. Os burocratas resmungam da desnacionalização, mas acabam aceitando a privatização em nome da falsa participação acionária dos trabalhadores. De nossa parte, rechaçamos toda e qualquer privatização e defendemos a derrubada integral do plano antinacional e antipopular de FHC.

## Lula: uma entrevista que agradou a burguesia

A longa entrevista de Lula ao Jornal da Tarde foi festejada por representantes da burguesia. E por quê?

1) Afirmou que a chamada "globalização é irreversível"; 2) Que as grandes corporações estão acima dos Estados e determinam a situação econômica; 3) O movimento sindical deve deixar de só dizer não e apresentar propostas alternativas; 4) Valoriza a Organização Mundial do Comércio e o Mercosul, propondo que o movimento sindical trabalhe por os influenciar; 5) É favorável à abertura do mercado sob determinadas regras; 6) Considera que muitas das conquistas sociais são "penduricalhos colocados na legislação por governos populistas"; 7) Lamenta ter defendido a "vida inteira cláusulas sociais", considerando que com a globalização já não têm sentido; 8) Condena as greves nos serviços sociais, a exemplo de professores e motoristas de coletivos; 9) Em geral a greve deve ser utilizada apenas em situações excepcionais; 10) Defende uma aproximação com a burocracia internacional, serviçal da burguesia imperialista.

Segundo o sociólogo Leôncio Martins, defensor intransigente do capitalismo e do sindicalismo atrelado ao Estado, "Lula está se libertando do patrulhamento das esquerdas", uma vez que aceita a "globalização da economia como inevitável". O seu próprio entrevistador, Celso Ming, o elogia da seguinte maneira: "Mais uma vez, Luiz Inácio Lula da Silva está bem à frente das outras lideranças sindicais. Em vez de desancar a globalização ou o neoliberalismo, como tantos por aí, Lula, pé no chão, prefere partir do fato consumado".

Os pontos acima expostos resumem o essencial do pensamento do maior líder do PT e candidato a Presidente da Frente Brasil Popular. Lula se "libertou do patrulhamento das esquerdas" e caiu nos braços da burguesia. Os neoliberais, pró-imperialistas e inimigos das greves já não encontram razões para chamá-lo de radical, ou coisa que o valha. O ideário imperante na política dos exploradores foi assimilado pelo ex-líder das greves do ABC. Não precisou apertar muito para se curvar e beijar as mãos dos escravocratas modernos, globalizantes.

Só mesmo um vendido, que almeja chegar à Presidência, galgando nos ombros dos capitalistas, pode desconhecer que a tal da "globalização" não é mais do que uma expressão ideológica do avanço do domínio imperialista e da opressão nacional sobre as semicolônias. Acaba fazendo um papel ridículo, que deve servir de motivo de riso nas altas rodas do governo e da burguesia, ao defender que o movimento sindical

tenha influência na Organização Mundial do Comércio, organismo esse dirigido pelo Grupo dos 7, sob a hegemonia norte-americana.

Não é menos pior, a aspiração de um sistema de competição mundial regido pela igualdade de condições. O que caracteriza a situação mundial é a crise de superprodução e a conseqüente guerra comercial desenfreada. E quem determina o jogo dessa guerra são as potências. Lula leu ou ouviu de algum assessor "moderno" que os Estados não apitam mais nada e que são as corporações que comandam sem pátria. Esse absurdo está na moda, principalmente entre os intelectuais, possivelmente da Unicamp.

As fronteiras nacionais permanecem em pé e os Estados imperialistas são os maiores protetores de suas multinacionais, que continuam tendo suas matrizes nos Estados Unidos, Alemanha, França, Japão etc. O que ocorre é que cada vez mais os Estados dos países semicolônias são colocados a serviço dos interesses do capital internacional. É o que tem feito o governo de coalizão PSDB/PFL/PMDB, com as privatizações, a quebra de conquistas sociais, chamadas de penduricalhos por Lula, a abertura de mercado, a quebra industrial, a desnacionalização e o desemprego em massa.

Frente a esse brutal ataque à economia e à vida das massas, lá vem o "líder" operário ensinar que não se deve fazer greves nos setores essenciais e que fora deles só em situação excepcional. Lá vem Lula dar uma aula sobre a inevitabilidade da globalização, que significa inevitabilidade do avanço do desemprego e miséria dos trabalhadores. Lá vem Lula dizer que o segredo está na negociação com as multinacionais, para em comum acordo ver o que é melhor para os operários do Brasil e Alemanha etc.

É claro que os porta-vozes da burguesia só poderiam saudar a libertação de Lula do "patrulhamento das esquerdas". Trata-se de uma conquista da classe dominante fazer de Lula, proveniente da classe revolucionária, que é o proletariado, um soldado a serviço do regime de exploração do trabalho.

Mas para os que compreendem minimamente o que se passa com a economia capitalista mundial, a afirmação de que a globalização é irreversível significa inevitabilidade da barbárie. Lula, certamente, não chega a compreender o que disse a esse respeito, pois acredita que só lhe resta trabalhar por reformar essa "nova" ordem.

Dizemos que não: ou o proletariado avança rumo à destruição do capitalismo e da construção do socialismo ou impera a barbárie comandada pelos Estados imperialistas.

Nacional



# Balanço das eleições municipais - 1º turno

As eleições municipais aconteceram numa situação política marcada pela disputa interburguesa ao redor da aplicação das reformas antinacionais e antipopulares ditadas pelo imperialismo e pela ausência de uma resistência orga-

nizada, geral e unitária das massas a isso. Assim, refletiram a disputa entre as principais frações burguesas e conseguiram arrastar as massas para o engano eleitoral, com a colaboração do reformismo e das correntes revisionistas do marxismo.

Todos os partidos desenvolveram campanhas voltadas aos problemas locais, evitaram se colocar quanto ao plano Real ou às Reformas neoliberais. A esquerda reformista, tendo à cabeça o PT, teve grande responsabilidade nisso. Assim, não houve uma polarização nacional que expressasse oposição à linha do governo. As disputas locais se mantiveram nos limites dos municípios. Isso facilitou a influência (sempre decisiva nas eleições) do poder econômico e do uso da máquina governamental para arrastar as massas para o eleitoralismo, por trás das variantes políticas apresentadas pela burguesia.

## Disputa interburguesa reflete nas eleições

Temos mostrado que a luta interburguesa tem se expressado através da disputa entre duas grandes frentes burguesas ao redor da aplicação do plano: a da burguesia industrial do sudeste (principalmente a paulista) e a oligárquica do norte-nordeste. A burguesia industrial procura negociar com o imperialismo o ritmo e alcance das reformas, para limitar a quebra dos capitalistas locais, os quais se baseiam numa capacidade produtiva inferior às dos concorrentes externos, e por isso sem condições de lhes fazer frente. As oligarquias do norte-nor-

deste buscam manter seus privilégios orçamentários (parasitismo estatal) e estabelecer uma diferenciação fiscal e tributária, em benefício das regiões mais atrasadas. Ambas as frentes submetem-se à linha geral ditada pelo imperialismo.

Ultimamente, essas frentes têm se expressado partidariamente através do PSDB e PFL, partidos que são a base da aliança que levou FHC à presidência e que expressam as contradições da formação do Estado brasileiro, baseado na configuração de uma burguesia que reflete o desenvolvimento desigual e combinado da nação semicolonial. Trata-se de uma caracterização geral desses partidos, que expressa suas características gerais. Esses partidos, como todos os outros partidos burgueses, não são homogêneos nem ideológicos. O PFL, embora seja um partido formalmente nacional, concentra sua força no nordeste. O PSDB, embora tenha sempre aspirado representar a burguesia industrial, também encarna frações oligárquicas regionais em alguns lugares (Ceará), ou rupturas do PMDB local em outros.

Na aliança governamental, incluem-se outros partidos burgueses, como o PPB, PTB e PMDB. Mas a política econômica está concentrada nas mãos do PSDB paulista. Enquanto isso, o PFL controla as duas casas do parlamento apodrecido, que nos países semicoloniais tem um peso muito inferior ao das democracias burguesas clássicas, alcançadas apenas nos países desenvolvidos (imperialistas). Ainda assim, esse parlamento é canal de expressão das negociações burguesas ao redor das reformas neoliberais, que dependem de mudanças constitucionais para serem aplicadas.

A votação da reforma econômica de abertura do mercado e fim dos monopólios estatais realizou-se através das negociações com as frações oligárquicas sem grandes problemas. Mas quando a discussão caminhou para as reformas fiscal e tributária, o processo esbarrou na disputa interburguesa mais difícil. O PFL vinha desenvolvendo uma campanha em favor da diferenciação fiscal e tributária, e reivindicando as privatizações e abertura de mercado. O Ministério da Fazenda fazia recuos na abertura de mercado com o aumento das alíquotas de importação e o estabelecimento de cotas de importação. As disputas interburguesas acirravam-se. A aproximação das eleições municipais serviu como um palco de disputas em andamento e preparatório para as eleições presidenciais de 1998.

## As alianças direitistas

O PFL estabeleceu uma linha de alianças à parte do PSDB, procurando marginalizá-lo e ganhar poder de barganha nas disputas no interior do governo. Seu principal aliado nas regiões

onde o PSDB tem mais força foi o PPB malufista, que chegou a retirar sua candidatura em Salvador, que estava em primeiro lugar nas pesquisas, em favor do PFL, para viabilizar a aliança de Maluf em São Paulo.

O PSDB avaliou que a força da estabilização econômica alcançada com o plano Real seria suficiente para assegurar a vitória eleitoral. Como todos os outros partidos, aumentou o número de prefeituras às custas do encolhimento do PMDB, chegando a quase mil pelo país. Mas, nas capitais, elegeu prefeito apenas em Cuiabá e Vitória, e disputará o segundo turno em mais cinco, sendo que deve perder no Rio, em Belo Horizonte. A derrota em São Paulo tem grande importância nacional.

Desde os resultados das pesquisas eleitorais, confirmadas em grande parte nas eleições, o PFL conseguiu rapidamente pressionar o PSDB e FHC. Já se abriu a possibilidade de reforma ministerial e se negociou um favorecimento fiscal ao norte-nordeste para implantação industrial. O PFL conseguiu ampliar ainda mais sua influência e estabelecer claramente que o próximo governo depende de uma aliança com o partido de Antônio Carlos Magalhães. O PSDB não tem escolha a não ser se colocar como alavanca de potenciação nacional do PFL, que cresce para outras regiões do país e caminha para se constituir numa força de governo federal.

## O ocaso do PMDB

A maior parte das prefeituras do país estará nas mãos do PMDB. Trata-se entretanto de um grande retrocesso daquele que já foi o maior partido do ocidente. O PMDB perdeu quase toda expressão eleitoral nas principais cidades do país e mantém apenas as prefeituras das pequenas cidades do interior e do norte/centro-oeste do país. Em São Paulo, base do quercismo, o partido foi pulverizado pela chegada dos parlamentares e prefeitos para o PSDB do governador Covas e pela divisão interna. O maior derrotado dessas eleições foi sem dúvida o PMDB.

Essa derrota é reflexo do esgotamento desse partido enquanto grande frente oligárquica nacional. Apodrecido pelas divisões internas e pelo fisiologismo desenfreado, desgastado pelas administrações federal e estaduais do período 1986-1990, esse partido foi perdendo sua força junto às principais frações burguesas, que buscaram outros partidos que as expressassem, basicamente o PSDB e o PFL.

Os partidos burgueses no Brasil não têm a menor homogeneidade nem ideologia. Agrupam as frações burguesas de acordo com os interesses regionais e movem-se pelo fisiologismo político e corrupção econômica.





A ditadura militar agravou esse quadro com a extinção da maioria dos partidos e o estabelecimento do bipartidarismo, do qual o PMDB é filho. Sua razão de ser esgotou-se após o fim da ditadura. Manteve-se majoritário e inchado artificialmente através do plano Cruzado, que alinhou nas eleições gerais de 1986 as fileiras burguesas por trás do governo Sarney. As bases políticas que mantinham o PMDB foram corroídas e ele está se esfarelando. A tendência do PMDB é aprofundar sua crise.

### O desgaste governamental

O PSDB teve que recorrer a um grande esforço governamental para não ter um resultado desastroso nas eleições. As primeiras pesquisas apontavam para um fracasso nacional do PSDB e um avanço do PFL. Inicialmente, o PSDB apresentava chances de ir ao segundo turno em poucas das grandes cidades. Sem o apoio do PFL, o PSDB, de base essencialmente sudestina, encontrou dificuldades para arrebanhar votos pelo país, ainda que apoiado na estabilização econômica do plano Real. Essa tendência foi atenuada ao final da campanha, devido a um violento esforço governamental em favor dos candidatos peessedebistas, com liberação de verbas, início de obras etc.

O PSDB enfrentou diferentes adversários pelo país. Em uma parte das cidades, disputou com os aliados do governo em nível federal (PPB, PFL, PMDB). Em outras cidades, disputou com PT e PSB, que se apresentam como oposição em nível federal. Em geral, as disputas não expressaram as divergências em nível nacional, restringindo-se às questões municipais mais imediatas e administrativas. Assim, não se colocou em discussão nas campanhas nem o plano Real nem as reformas neoliberais. Dessa forma, os resultados eleitorais não servem para expressar um posicionamento das massas em relação ao plano Real ou às

reformas. O PT e seus aliados têm responsabilidade nisso, já que incorreram num seguidismo aos adversários burgueses e também se restringiram às questões locais e administrativas.

O PSDB obteve uma votação que variou de 15% a 25% na maioria das grandes cidades. Mesmo em locais em que foi ao segundo turno, como em Belo Horizonte, sua votação esteve nessa faixa. Se compararmos essa votação com as últimas eleições presidenciais e para governadores, veremos uma queda. Se levamos em consideração que é o partido do governo federal e de grandes e importantes estados da federação, o partido encabeçador da estabilização econômica do plano Real, verificamos que não conseguiu ganhar o voto da maioria dos eleitores. Uma parcela das massas vê no PSDB a figura de FHC e do governo, e rejeitou votar no governo responsável pela recessão e desemprego. Não se trata de uma atitude consciente, mas expressa uma insatisfação.

### A ascensão do PFL e seu significado para as massas

O PFL foi o principal vitorioso nas eleições municipais, ainda que não tenha sido o partido mais votado nas grandes cidades e capitais do país. Isto porque ampliou e consolidou seu domínio no nordeste (com a vitória de Antônio Carlos Magalhães na maioria dos municípios baianos e em outros estados), estendeu sua base eleitoral para o sudeste (com a vitória no Rio e a aliança com Maluf em São Paulo) e se fortaleceu diante do governo e das futuras eleições presidenciais, nas quais jogará papel decisivo. Com seu fortalecimento, pôde negociar privilégios fiscais para o nordeste e abrir negociações com FHC sobre a reforma ministerial. A aprovação da emenda da reeleição presidencial ficou em suas mãos. Vai encaminhá-la, pois pretende ainda utilizar a aliança com o PSDB para se potencializar ainda mais para as

futuras eleições presidenciais.

O ascenso do PFL corresponde ao fortalecimento de uma fração burguesa que expressa os setores mais atrasados da economia nacional. Essa fração se apóia nas pressões imperialistas quando se choca com a fração burguesa industrial do sudeste, para defender seus interesses regionais. O PFL é o partido mais afinado com as reformas neoliberais em discussão no Congresso. Para o imperialismo, as reivindicações de favorecimentos locais das oligarquias nordestinas perdem importância em relação às necessidades das multinacionais de penetração no mercado brasileiro. O imperialismo almeja conquistar o mercado consumidor concentrado nos polos de desenvolvimento do país. A vitória do PFL significará mais facilidades para a aplicação das diretrizes neoliberais, resultando maior destruição das forças produtivas nacionais, em especial no sudeste industrializado. As consequências serão sentidas pelas massas, que sofrerão com o aumento da recessão, desemprego e ataques às conquistas sociais.

Nacional



### O fortalecimento eleitoral do PT

A vitória em várias prefeituras no primeiro turno, a disputa de 7 capitais no segundo e o maior número de votos nas grandes cidades e capitais potencia o PT, ainda que tenha sido derrotado em

## PRESIDENTE DO SINTE ENTREGA MILITANTES DO POR À POLÍCIA

No 3 de outubro do corrente ano, militantes do Partido Operário Revolucionário (POR) estavam fazendo boca de urna pelo voto nulo programático, na escola estadual Jean Mermoz, e foram denunciados e entregues às forças de repressão pelo pelego, burocrata, militante do PT e presidente do SINTE, Hudson Guimarães. Inclusive, um militante do POR foi detido e depois liberado, um outro foi obrigado a refugiar-se em uma casa das redondezas devido a perseguição da polícia, além dos materiais que foram tomados pela repressão.

A ação do presidente do SINTE Hudson Guimarães, em denunciar os militantes do POR à polícia, revela que o PT, de forma indiscutível, é um partido inimigo da classe operária, por isso se utilizará de todos os meios que estiverem ao seu alcance, para combater e golpear seus inimigos - a classe operária e sua vanguarda.

Tal ação praticada pelo presidente do SINTE e militante do PT evidencia que, se caso Fátima Bezerra chegue a ser prefeita de Natal, nós educadores e demais servidores municipais estaremos sob o chicote do PT. Pois tal partido já deu exemplos suficientes em nível nacional que defenderá a ferro e fogo os interesses de um punhado de exploradores.

O POR não vem só denunciar a ação do presidente do SINTE e militante do PT, mas conclama toda a categoria a que se solidarize com nossa corrente e igualmente repudie a atitude desse pelego e burocrata, Hudson Guimarães, que jogou a polícia contra militantes revolucionários.

- Abaixo a repressão política - Pelo voto nulo programático - Pela independência do proletariado - Pelo governo operário e camponês - Pela Ditadura do Proletariado.

importantes cidades onde governava a prefeitura, como Diadema, Belo Horizonte ou na baixada fluminense, e obtido apenas 114 prefeituras pelo país.

A lição tirada pela direção reformista do desgaste da derrota eleitoral de 1994 foi a necessidade de tornar o PT mais confiável à burguesia e menos contestador. Disso vem a campanha do SIM em

S. Paulo, que se repetiu pelo país. Essa campanha foi a síntese de uma trajetória de prostração do reformismo à aplicação da linha neoliberal ditada pelo imperialismo. A prostração ao plano Real nas eleições prosseguiu durante os anos seguintes. A bancada petista teve uma posição de votar nos aspectos "positivos" da reforma e rejeitar os "negativos". A direção burocratizada dos sindicatos, da CUT e do MST seguiram a mesma trilha, com as negociatas ao redor das reformas da previdência e direitos trabalhistas, a contenção e fragmentação das lutas, renegando o método grevista, e os acordos do MST ao redor dos assentamentos, em oposição ao método das ocupações com resistência.

O crescimento eleitoral do PT foi acompanhado pelo do comparsa burguês PSB. Ambos conseguiram capitalizar o descontentamento popular com o governo federal (e estaduais) nas cidades com mais de 200 mil habitantes, mesmo sem dar um caráter nacional às campanhas.

O fortalecimento do PT coloca em discussão a questão da formação da frente popular para disputar as eleições de 1998 tendo o PT como polo aglutinador. Para trabalhar por esse objetivo, o PT terá que se tornar ainda mais confiável a setores da burguesia, terá de expressá-los politicamente. A tendência é a do PT aprofundar ainda mais a linha de conciliação de classes, incutindo-a nas organizações sindicais e populares. O fortalecimento do PT significará organizações de luta mais desarma-

das, anuladas para enfrentar os ataques capitalistas às condições de vida das massas.

### A falência das esquerdas

O PSTU aplica na tática eleitoral o desvio morenista que afirma a necessidade de apoiar o reformismo para que as massas desgastem sua experiência com ele e aponta para a estratégia do governo dos trabalhadores, a ser conquistado eleitoralmente e que poderia servir de passo para o socialismo, o que, na verdade, é um etapismo requeitado. Renega assim a estratégia da ditadura do proletariado, expressa na consigna do governo operário e camponês e mergulha fundo no eleitoralismo. Elegeu o PT com principal aliado nas eleições, mas não deixou de realizar alianças seguindo o PCdoB, até o burguês PSB.

Apresentou um programa frentista ao PT e aliados que reproduzia na essência o próprio programa petista, e rejeitou qualquer frente à esquerda. Onde foi rejeitado pelo PT, lançou candidatos próprios com o programa reformista. Alimentou todo tipo de ilusão durante a campanha eleitoral, renegou a ditadura do proletariado em nome do "socialismo com democracia", debandou para o campo do pacifismo burguês ao rejeitar a violência em geral (inclusive a revolucionária). Seu resultado foi um fracasso em toda linha. Os 200 mil votos conseguidos pelo país são poucos, pela linha eleitoral e oportunista adotada. Coisa bem diferente seriam 200 mil votos num programa revolucionário, que pregasse abertamente os objetivos da revolução e ditadura proletárias. Agora, o PSTU vai apoiar abertamente o PT no segundo turno, subordinando-se completamente ao reformismo.

O PCO seguiu o PSTU com a mesma determinação em que este seguiu o PT. Também sofreu a rejeição do PSTU, apesar do oportunismo eleitoral, e acabou lhe apoiando (a) criticamente. O aventureirismo eleitoral de PCO lhe custará caro.

O fracasso dessas correntes ressalta pela sua rejeição à linha revolucionária em favor de um pretensão fortalecimento eleitoral, que não ocorreu, nem poderia, dado a disparidade da concorrência com o poder econômico. Para o partido revolucionário, ao contrário, não importa o número de votos obtidos, mas a defesa do programa revolucionário.

### A queda do voto nulo

A posição do voto nulo esteve de acordo com uma tendência geral das massas nas últimas eleições, que anularam o voto em grande quantidade, expressando uma desconfiança na democracia burguesa e no engano eleitoral. Devido à pouca inserção do POR, essa desconfiança não avançou para a conscientização política. Nas eleições de 1996, houve uma queda do número de votos nulos e brancos (cerca de 11%

em média), o que mostra que uma parcela das massas que estava votando nulo foi arrastada para o engano eleitoral mais uma vez, pelas enormes pressões do poder econômico, pela corrupção política e econômica (impulsionada pelas igrejas alinhadas aos candidatos), pela municipalização dos temas da campanha (que rejeitaram os problemas nacionais em favor das promessas e mentiras locais), pela colaboração do reformismo e das esquerdas com seu eleitoralismo etc.

Entretanto, o número de votos em vereadores caiu em várias importantes cidades, mostrando a desconfiança na impotência e no engano parlamentarista.

O essencial é que a ausência do partido revolucionário contribui para facilitar as manobras e a manipulação burguesas com as massas. Sem o partido, que as acompanhe, mostrando o caminho, as suas próprias experiências, as massas não chegarão a romper com as ilusões democráticas.

### A linha revolucionária

Para o partido revolucionário, a intervenção nas eleições é uma imposição devido ao atraso da consciência das massas, que são arrastadas pela burguesia para a via eleitoral. Por isso, trata-se de intervir denunciando a democracia burguesa, propagando o programa revolucionário e impulsionando a ação direta das massas. Respondemos ao chamado frentista do PSTU com a defesa da formação de uma frente de luta, antiimperialista e anticapitalista, rejeitada por ele.

Inviabilizada qualquer frente eleitoral, só nos restou a defesa do voto nulo programático, contra o engano eleitoral, contra o reformismo, as esquerdas revisionistas e em defesa do programa revolucionário e da luta nacional de massa para por abaixo o plano antinacional e antipopular de FHC. Se tivéssemos condições organizativas suficientes para a participação nas eleições, travariamos a luta para defender o voto no POR sobre a base dos princípios colocados acima, e em defesa das assembleias populares. A legislação burguesa restritiva e nosso estágio embrionário nos impede de fazê-lo e nos coloca a obrigação da defesa do voto nulo programático.

Significa lutar junto às massas para que elas não sejam arrastadas para apoiarem seus algozes nem os conciliadores, que facilitam o descarrego da crise sobre suas costas. É mais um campo de intervenção para a construção do partido revolucionário.

Assim, continuaremos a campanha pelo voto nulo no segundo turno, em oposição ao engano eleitoral e ao reformismo enganador, e em defesa da ação direta das massas para derrubar o plano antinacional e antipopular de FHC, e pela construção do partido revolucionário.



## Eleição Municipal - 2º turno

# PSTU a serviço do PT

O PSTU se gabou de ter lançado candidaturas próprias em vários pontos do país. Esqueceu-se de dizer que só o fez porque o PT lhe negou coligação. O seu objetivo central era o de constituir uma aliança eleitoral com o reformismo frente-populista. Mais uma vez essa corrente manqueja atrás do PT. Falamos de seu apoio no segundo turno aos petistas.

No editorial do "Opinião Socialista", nº18, intitulado "A batalha do segundo turno", divulga a seguinte resolução: 1) "Nos locais onde a disputa for entre dois candidatos de partidos da classe dominante, o PSTU, chamará e militará pelo voto nulo". Argumenta que o voto nulo serve para "desmascarar a farsa, o arsenal de demagogia que esses candidatos vão utilizar nessa disputa para enganar o povo trabalhador"; 2) "De outro lado, na maioria das capitais e cidades onde a disputa for entre um candidato da classe dominante contra um do PT, o PSTU, deverá chamar o voto nos candidatos petistas, que, de maneira geral, estarão representando um justo e legítimo sentimento de milhões de trabalhadores que vão querer derrotar os representantes de oligarquias, de banqueiros, empreiteiros etc".

É claro que não poderia deixar de dizer que não estará apoiando a política e o programa do PT. E também não deixaria de se referir aos ataques de Vitor Buaiz e Cristóvam Buarque aos trabalhadores. Certamente, o PSTU não tem interesse de se referir à gestão antitrabalhadora e repressiva da ex-prefeita Erundina, que concorre no segundo turno em São Paulo. A justificativa que pretende fundamentar o apoio ao PT é falsa do começo ao fim. Apenas serve para jogar areia nos olhos de seus militantes de base, que provavelmente deverão estar muito incomodados com a decisão da cúpula partidária.

Não é por acaso que o editorial é simplista, vago e omissivo. Apenas dois argumentos sustentam a tal resolução: 1) Que os partidos da classe dominante precisam ser desmascarados no seu arsenal de farsa e demagogia, voltado "a enganar o povo trabalhador"; 2) E que o PSTU chama o voto no PT porque este estará representando o sentimento de milhões de trabalhadores contra os representantes da burguesia. A crítica de que o PT tem por política "governar para os ricos e pobres" e que está atado à burguesia, por isso o PSTU chama que este rompa com ela, não serve para defender o voto nulo.

A omissão do PT em relação ao ex-governo de Erundina não é uma falha qualquer. O PSTU esconde que as massas já realizaram uma dura experiência

com o PT em São Paulo. De que falamos? 1) Erundina enganou o povo trabalhador. Não é isso que fazem os partidos burgueses? 2) Erundina traficou na prefeitura como qualquer outro político da classe dominante. O PSTU contesta isso? 3) Erundina pôs a polícia contra os grevistas; 4) Erundina demitiu grevistas; 5) Finalmente, já como ex-prefeita, participou do governo Itamar. Passemos para as idéias políticas, que confirmam os fatos acima. 1) Erundina não é contrária ao direito de greve nos chamados setores essenciais? Em resposta à acusação de Pitta de que sua adversária incentivava a greve, Erundina disse: "Não é verdade que eu tenha dito que aprovo greve em serviços essenciais. Tanto é que eu puni com rigor os grevistas naquela época"; 2) Erundina não é contra a linha de desestatização neoliberal; 3) Erundina fez a campanha do "SIM" em relação à linha malufista para a saúde e moradia; 4) Erundina defende o governo de coalizão com quem que seja, no caso o PSDB, PMDB, PDT etc. 5) Acaba de implorar apoio de todos os partidos derrotados no 1º turno, a exceção do PSTU.

Tudo isso não é a real identidade do PT? Esse partido faz parte da ordem capitalista. De forma alguma se pode dizer que representa "um justo e legítimo sentimento de milhões de trabalhadores". Não é um partido que expressa a luta de classe contra latifundiários, banqueiros, empresários etc. Muito pelo contrário, o PT é uma variante da política burguesa de domínio dos explorados, de submissão da CUT e sindicatos ao Estado burguês e de proteção ao chamado latifúndio produtivo. As denúncias de que Cristóvam Buarque (Brasília) espionava os movimentos através do Serviço Reservado da PM, o Plano de demissão apresentado por Buaiz (Espírito Santo), as privatizações feitas na administração petista de Ribeirão Preto e a colaboração com as multinacionais em São José dos Campos são mostras do que farão os novos eleitos. Vamos dar mais um exemplo de grande contundência reacionária. O PT fez parte do governo Raupp (PMDB-Rondônia), participando da Secretaria da Agricultura, quando este autorizou o massacre dos sem-terra de Corumbiara. Sem falar da corrupção. Ou o PSTU não sabe das contribuições das Odebrecht, OAS, Itaú e Pão de Açúcar, declaradas nos balanços oficiais de campanhas, às candidaturas petistas?

O PSTU também já fez tudo quanto é experiência com o PT. Foi expulso quando era Convergência Socialista, apoiou todos esses candidatos que pisam nos trabalhadores, participou da Frente Brasil Popular e foi rejeitado, nas municipais, por essa mesma fren-

te. O que mais espera o PSTU? Essa trajetória não é suficiente para caracterizar o PT como antioperário e pró-capitalista? Como partido burguês que "enganam o povo trabalhador"?

O apoio a esse partido, nas condições aqui colocadas, significa colaboração de classe. O PSTU, em nome das aspirações dos trabalhadores e da derrota dos candidatos da classe dominante, esconde a verdadeira identidade patronal do PT e assim capitula. A linha dessa corrente revisionista do trotskismo é de constituir frentes eleitorais com o PT. Espera ocupar o seu lugar um dia. Essa ilusão lhe é fatal. Ocorre que ela é uma manifestação de suas posições centristas no seio da luta de classes. O centrismo oscila entre o marxismo e o reformismo. A tendência do PSTU é de se atar cada vez mais ao reformismo e se afastar do marxismo.

### Socialismo Revolucionário vai pela mesma trilha do PSTU

O jovem agrupamento que edita o jornal "Socialismo Revolucionário", seção brasileira do Comitê por uma Internacional Operária, também saiu em apoio ao PT. No artigo "O PT deve dizer não para derrotar o malufismo" os "Socialistas Revolucionários" dizem que é preciso votar no PT para derrotar o malufismo.

Utilizam-se do mesmo argumento do PSTU. Explicam: (...) "O lugar dos socialistas revolucionários é onde estão os trabalhadores mais ativos na luta contra os partidos burgueses". A diferença está em que omitem apenas metade da caracterização do papel de Erundina. Reconhecem "o vergonhoso papel jogado pela candidata Luíza Erundina na tentativa de ganhar o

NACIONAL



apoio do PSDB". O restante acima descrito por nós é como se não existisse para essa corrente. Assim, não se encontram em melhor posição que o PSTU.

Chama-nos a atenção a caracterização do PT. "O PT é um partido que nasceu das lutas operárias e ainda hoje é referência para milhões de trabalhadores. O rumo seguido pelo partido coloca incertezas quanto ao seu futuro". A primeira parte da formulação é cópia do PSTU. A segunda, que expressa perplexidade dos Socialistas Revolucionários em relação ao futuro incerto do PT, é uma revelação de ilusões pequeno-burguesas no reformismo.

Os dados evolutivos do PT são nítidos para saber sobre o seu presente e seu futuro. O PT é hoje um instrumento do Estado burguês contra o proletariado e as massas em geral.

Que futuro pode ter esse partido? É passível de alguma dúvida a esse respeito? Não, não é. Tal dúvida é fruto de uma política não-marxista. Persistir nesse caminho é alimentar o reformismo e o frente-populismo contra-revolucionários.

O PSTU é uma corrente centrista cristalizada. Somente uma cisão de uma ala que venha a compreender o marxismo-leninismo-trotskismo poderá se colocar no terreno da construção do Partido Mundial da Revolução Socialista, ou seja, da IV Internacional. Os Socialistas Revolucionários são um agrupamento em formação. Podem rever suas posições, se auto-criticar da capitulação diante do reformismo e se direcionar para o partido marxista. Será que os companheiros terão visão crítica suficiente para entender nosso rechaço a tal posição seguidista e capituladora?



## CARTA AO PSTU: pelo Voto nulo programático e em defesa da independência de classe e contra as oligarquias.

A fração oligarca burguesa no governo sofreu uma derrota eleitoral, demonstrando a insatisfação popular às medidas neoliberais de arrocho, demissão e fome. A fração dos Maia encontra-se na frente através do PSB, devido as massas relacionarem sua candidatura com a sua última administração municipal. Porém, a questão é estrutural do capitalismo, o PSB aplicará o plano de fome e de miséria neoliberal.

O PT canalizou a insatisfação popular. O ascenso petista é fruto da crise política burguesa que se potencializa. Incapaz de apresentar candidatos fortes para as massas, a burguesia abriu espaço para a pequenaburguesa. Entretanto, o apoio do PDT (Leonardo Arruda), PSDB (Aldo Tinôco, o usineiro Geraldo Melo), PMDB mostra que o programa do PT não se opõe aos interesses da classe dominante. Isto seria a motivação aparente do racha do PSTU com a Frente Popular. Nesse

sentido, não existe derrota das oligarquias. Nem muito menos, uma alternativa dos trabalhadores *versus* as oligarquias. Pois os interesses da burguesia estão presentes nas duas candidaturas, o que é expresso na divisão dos apoios, segundo a conveniência política.

Por tudo isso, é necessário o PSTU somar forças aos que defendem o voto nulo programático. O voto nulo se impõe na ausência de um candidato com programa revolucionário, que aponte para a destruição do capitalismo através da revolução proletária. O programa da revolução tem como base o Programa de Transição da IV Internacional em sua aplicação às particularidades nacionais do Brasil. O Programa de Transição parte das condições e consciência atuais das massas e as une com a necessidade constante da conquista do poder pelo proletariado.

A autocrítica do programa apresentado pelo PSTU ao 1º turno é imperiosa. Do contrário, o PSTU não avançará para o voto nulo programático e capitulará diante da candidatura frente-populista. Em nenhum momento, o PSTU fez referência no 1º à estratégia da Revolução Socialista, a forma de governo, portanto, as tarefas revolucionárias de expropriação do grande capital. O PSTU falou da expropriação dos empresários dos transportes coletivos. Mas o problema não são eles e sim toda a propriedade privada capitalista dos grandes meios de produção.

O programa apresentado pelo PSTU ao 1º turno foi democrático-re-

formista. Não defendeu o salário mínimo real, as escalas móveis de reajuste salarial e do emprego. Nenhuma bandeira antiimperialista foi utilizada para se contrapor ao plano de FHC como contra as privatizações, pelo controle operário da produção. O programa apresentado ao Congresso do SINTE pelo PSTU era muito mais avançado do que o atual. O que significa uma retração do PSTU mesmo em comparação ao seu programa centrista.

O programa do PSTU era aceitável a qualquer social-democrata. O PT rejeitou o PSTU por conveniência eleitoral. Como pelo mesmo motivo o PSTU rejeita as outras correntes que se reivindicam do trotskismo. Não é por este caminho que o proletariado irá se livrar político, ideológico e organicamente da burguesia. Somente um programa revolucionário é que pode construir a independência dos explorados. Para este programa é que apresentamos os seguintes pontos para o debate com os companheiros

- Salário mínimo real (hoje em torno de 1200). Escala móvel de salários. Fim das demissões. Estabilidade no emprego para todos. Escala móvel de horas de trabalho. Fim das privatizações e reestatização das empresas já privatizadas. Entrega das terras aos sem-terra. Tribunais populares para julgar e punir a burguesia. Pelo governo operário-camponês, pela Ditadura do Proletariado.

Partido Operário Revolucionário - Regional Natal

# Diretoria da Apeoesp cancela a reunião do Conselho de Representantes

O que ocorre com a diretoria da Apeoesp é o mesmo que se passa com a maioria dos dirigentes sindicais. Revela sua impotência diante da ofensiva de Covas contra o ensino público. Para isso, se apóia nos mesmos argumentos dos burocratas sindicais: o professorado é o responsável pelo imobilismo.

Os métodos fraudulentos utilizados nas eleições têm evoluído para as formas mais reacionárias do peleguismo sindical. Em menos de um mês, a diretoria cancelou a assembléia do dia 13/9 e, agora, suspendeu a reunião do Conselho, se utilizando burocraticamente do quorum. Na assembléia faltaram 37 professores e no Conselho apenas 4 para o tal quorum. Assim, ao invés de discutir com 1413 professores, que estavam presentes na assembléia, e com a parcela de conselheiros, a diretoria fez valer suas decisões, ou seja, o poder dos 47 diretores da Apeoesp.

Essa política da diretoria só contribuirá para o aumento da desconfiança de um setor importante da classe contra o sindicato. Setor esse que fala em desfiliação, que a Apeoesp não faz nada etc. A conduta da diretoria tem sido a responsável por anular o sindicato como organismo de resistência contra o Estado e, mais do que isso, tem levado o descrédito da classe em seu próprio instrumento de luta, que é a Apeoesp (sindicato).

Tudo isso acontece quando o governo faz feroz investida contra o fun-

cionalismo, com a educação pública e com o conjunto dos assalariados. Ao invés de se utilizar da vontade daqueles que se mobilizam para a Assembléia e o Conselho no sentido de aprovar um plano de organização dos trabalhadores em educação contra os ataques do governo, a diretoria manobra com o quorum para barrar qualquer iniciativa.

## Construir uma Oposição conseqüente

O ataque do governo sobre a educação pública e gratuita e sobre as conquistas do funcionalismo faz parte das diretrizes neoliberais. Para responder, necessitamos mais do que nunca, de uma direção capaz de levar às últimas conseqüências as reivindicações e a unidade dos trabalhadores.

A Oposição à diretoria da Apeoesp se apresenta dividida e, uma boa parte, se mostra muito semelhante à conduta da burocracia sindical. Nesse sentido, é urgente a estruturação de um movimento de oposição, que se apóia em um programa classista. A Corrente Proletária na Educação, que nos Congressos se apresenta com a tese "Educação em Luta", tem combatido tanto a diretoria quanto a pseudo-Oposição. Ao mesmo tempo, está disposta a cerrar fileiras com todos aqueles que de fato se colocam por construir essa Oposição. Sem uma direção verdadeiramente de luta, o governo se encontra de mãos livres para pôr fim a educação gratui-

ta e às conquistas históricas dos trabalhadores.

## A resposta que devemos dar

Chamamos a atenção dos trabalhadores em educação para a seguinte situação: ou organizemos um amplo movimento contra o pacote do governo ou seremos pisoteados. A burocracia sindical já fez sua escolha: admitir o pisoteamento. De nossa parte, temos outra posição: responder com a bandeira de "Abaixo o Plano de desemprego, empobrecimento e miséria dos trabalhadores". No Congresso, apesar de sabermos de antemão de que as cartas já estão marcadas pela forma encabrestada de tirar os delegados, defendemos que a Apeoesp reconvoque o Conselho e a Assembléia estadual para organizar o combate ao Plano e a destruição da educação. Chamamos os educadores a se colocarem nessa posição para passar por cima da burocracia corrompida.

EDUCAÇÃO



## Semana da Educação / PUC-SP

Na Semana da Educação da PUC, no dia 17/10 foi realizado o debate sobre *Tecnologia e Educação*.

Voltado para os estudantes de pedagogia o debate deixou claro sua subordinação à política burguesa. Todo o discurso reacionário dos docentes foi voltado à política neoliberal para a educação, além de usarem o debate para auto promoção.

Um ilustríssimo professor, além de deixar seu endereço da Internet, fez a seguinte avaliação: "Ou você é o rolo compressor ou você é o asfalto". Em outras palavras: Os educadores devem se adequar à era da informatização, se individualizando mais ainda.

Outra ilustríssima em sua exposição usou o critério interativo, ou seja, fazia as afirmações e o público respondia concordando ou não (um "método revolucionário").

Entre as muitas afirmações, a que gerou mais discussão foi a seguinte:

"A tecnologia assumirá o lugar do professor."

A resposta foi a seguinte:

"A tecnologia acabará com os professores que

*ensinam de maneira mecânica e repetitiva*".

A tecnologia não somente acabará com estes professores, mas com todos os outros, pois está nas mãos dos capitalistas que a usaram para demitir os trabalhadores e aumentarem ainda mais seus lucros. É o mesmo com a tecnologia, o ensinamento continuará sendo mecânico e repetitivo.

O que não foi discutido, devido ao seu caráter acadêmico e reacionário, foi o verdadeiro conceito de escola.

Numa sociedade capitalista, cujo desenvolvimento é desigual e combinado, a crise pela qual passa a educação, reflete a própria crise do sistema capitalista sendo a educação a correia de transmissão da classe dominante.

A introdução da tecnologia nas escolas como forma de adequar tanto os alunos ou professores aos novos tempos, é discrepante, visto que o que se aprende nas escolas, é totalmente desvinculado da realidade do aluno, pois seu conteúdo não faz parte da produção social.

## Partido, programa e militância

Trabalhamos por constituir um Partido Operário Revolucionário (POR). Eis por que estamos obrigados a definir com toda clareza sua natureza de classe e sua estrutura de funcionamento.

É proletário porque seu programa tem a classe operária como força motriz da revolução social. Embora não seja a única classe explorada, é a que pode destruir o poder político e econômico da burguesia e instaurar uma nova sociedade sem exploração do homem pelo homem.

As demais classes oprimidas, camponato pobre e a classe média urbana, não podem constituir um programa socialista, portanto, um partido revolucionário, devido ao lugar que ocupam nas relações de produção capitalista. Estão vinculadas à pequena propriedade ou a ela aspiram. Assim não são diametralmente antagônicas à classe burguesa, que as oprime através da grande propriedade monopolista dos meios de produção e do capital financeiro, bem como do grande comércio.

Essas classes oprimidas ou seguem a burguesia ou o proletariado. O que quer dizer que não têm como ser direção do processo político.

Justamente porque existem tais classes e frações de classe, que no capitalismo se despontam partidos burgueses e pequeno-burgueses e proletários. Os partidos pequeno-burgueses procuram expressar os interesses dos explorados não-proletários. Via de regra se dizem representar todos os

explorados. Porém, por não serem programaticamente proletários, não visam a revolução socialista. Acabam, dessa forma, se submetendo ao Estado e à política da burguesia. Com seu reformismo e submissão à democracia dos exploradores, não podem aglutinar a maioria explorada contra toda forma de opressão social e nacional.

Historicamente, mostrou-se possível a existência de um tipo de partido operário-burguês. É aquele que tem uma base social operária e um programa adaptado ao capitalismo. Foi o caso, por exemplo, do Partido Trabalhista Inglês, na sua origem. O PT surgiu como possibilidade desse tipo de partido reformista, operário-burguês. Com o deslocamento progressivo da base operária, se constituiu com características mais acentuadas de um partido pequeno-burguês. Há todo um esforço de uma ala dirigente em transformá-lo em representante direto de uma fração burguesa.

O partido revolucionário se distingue de todas essas variantes. É um partido que terá de estar enraizado na classe operária e se organizar em torno do programa da revolução e ditadura proletárias. A burguesia é sua inimiga; e os demais explorados do campo e da cidade são seus aliados. É nesse sentido que o partido operário revolucionário se coloca por dirigir o conjunto dos explorados contra a sociedade capitalista.

O programa do partido é a materialização do socialismo científico. Este é a expressão das leis históricas transformadoras, que têm por base as relações materiais de produção e a luta de classes. O socialismo é a ciência do proletariado e de nenhuma outra classe. O seu método é o materialismo histórico, descoberto por Marx e Engels. Em referência a seus criadores, a ciência socialista do proletariado é marxista. Está aí por que a definição que melhor exprime a concepção marxista do partido é a seguinte: o partido é o programa.

É parte indissolúvel dessa definição, feita por Trotsky, a relação entre classe e partido. Este é construído no seio do proletariado. O que não quer dizer que toda classe operária e nem mesmo a sua maioria se organize diretamente nele. Em suas fileiras se organizarão militantes que assimilam o programa e trabalham revolucionariamente no interior das massas.

É o caráter do programa que permite o partido extrair militantes de

todas as classes e transformá-los em militantes do proletariado. Aqueles que vêm de outras classes só integram o partido marxista porque romperam com a sua classe de origem, assimilando o programa e a teoria marxista da revolução proletária. Sem dúvida, o desenvolvimento do partido pressupõe que os quadros majoritários venham do proletariado.

Uma vez militante marxista, independente da classe proveniente, torna-se militante revolucionário ou, no sentido preciso dado por Lenin, militante profissional. Assim, o partido exige dos militantes e os educa na unidade entre a teoria e a prática. Ou seja, na luta teórica, política e organizativa. Tem de assimilar a ciência marxista e elaborar as diretrizes programáticas, políticas e organizativas através do trabalho em meio à luta de classes.

Lenin qualificou o partido revolucionário como vanguarda do proletariado. Concepção essa combatida e deformada pelos reformistas e revisionistas do marxismo. Uma dessas deformações é a caracterização de que o partido leninista está desvinculado das massas exploradas. O conceito de vanguarda do proletariado corresponde ao de partido de militantes revolucionários profissionais. Não no sentido de profissionais que recebem dinheiro para militar, mas sim no de militantes conscientes, dedicados inteiramente à revolução e que vivem de acordo com o que pensam. Esse é o partido de quadros marxistas.

A elaboração coletiva do programa e das posições políticas, bem como a unidade de ação partidária, exige um trabalho disciplinado do conjunto militante. A disciplina resulta desse trabalho coletivo e da elevação da consciência revolucionária. Não se trata de uma imposição exterior ou de uma autoridade qualquer. Ela é constitutiva da prática comum dos militantes. A unidade entre a teoria e a prática permite que se forje a disciplina revolucionária. O regime de funcionamento que assegura a elaboração coletiva, que processa as naturais divergências e que permite a unidade na ação é o centralismo democrático. Em sua essência, se baseia na liberdade de discussão, divergência e decisão internas. E na unidade de ação externa. Essas qualidades se distinguem de todo e qualquer partido não-marxista.

Nacional



# Queda de Lebed expõe crise interburocrática

A demissão do general Lebed mostrou que se esconde a grande dimensão da crise interburocrática na Rússia. Lebed, que concorreu à presidência nas últimas eleições, tinha sido conduzido à presidência do Conselho de Segurança pelo presidente Boris Yeltsin, em troca de seu apoio no segundo turno nas eleições. A doença de Yeltsin revelou a disputa interburocrática ao redor de sua sucessão e, principalmente, a luta para estabelecer o ritmo e alcance das reformas restauracionistas do capita-

lismo, a relação com as repúblicas separatistas e a forma de conter as lutas das massas diante dos brutais ataques às suas condições de vida, causadas pela restauração.

Lebed indica um caminho ditatorial para essas questões. Yeltsin e o imperialismo receiam suas tendências de confrontação com os outros setores da burocracia e com as massas. Isso levou à sua queda.

A tendência da crise na Rússia é a de se aprofundar. A tranquilidade de Lebed baseia-se num prognóstico

que, mais cedo ou mais tarde, o governo precisará de sua liderança junto às Forças Armadas.

Para as massas, trata-se de rechaçar essas variantes da burocracia podre e pró-capitalista e construir o partido revolucionário, para retomar, através da revolução política, a ditadura do proletariado e o caminho para o socialismo.

Internacional

## Mais uma traição: Arafat reivindica tropas americanas na palestina

Os conflitos na Autonomia Palestina levaram a novas negociações entre a OLP e Israel, sob patrocínio norte-americano. Ninguém sabe exatamente os termos do acordo em negociação. Tudo indica que haverá ainda mais concessões da OLP a Israel. Noticiou-se que o líder palestino Arafat pediu intervenção americana na região do Hebron, reocupada pelas tropas de Israel. É mais uma traição à causa da libertação do povo palestino do jugo de Israel, enclave norte-americano no Oriente Médio.

Com a intervenção americana, se prolongará ainda mais a opressão sobre a nação palestina.

Arafat pediu tropas imperialistas porque teme que uma Autonomia Palestina armada e sem a presença de tropas israelenses possa caminhar para a independência e uma crise de características revolucionárias.

Os revolucionários apóiam a luta do povo palestino por sua libertação do jugo imperialista. Mas apontam que a vitória dessa luta depende de uma direção revolucionária, que rume para a revolução proletária. As direções burguesas só poderão concluir como capachos do imperialismo.



## Afeganistão mostra tendência de guerra civil na região

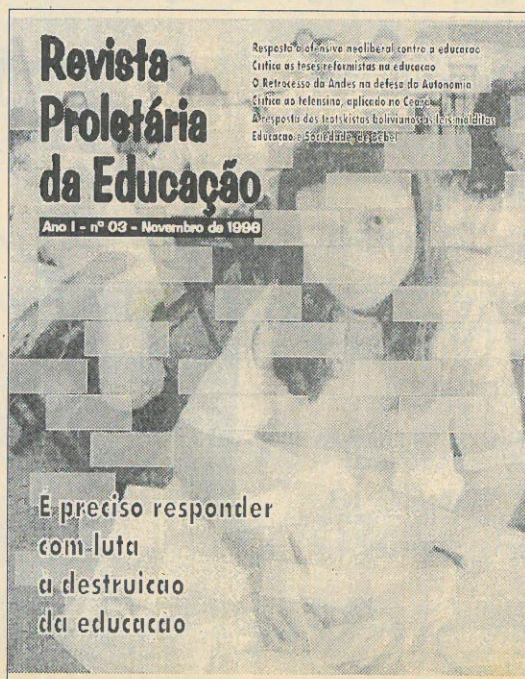
O Afeganistão ocupou as páginas dos jornais com a ocupação de sua capital e deposição do governo local pelo grupo radical islâmico Taleban. O Afeganistão, como outros países atrasados (em especial na África), conta historicamente com conflitos de grupos tribais ou étnicos ao redor da autodeterminação e opressão nacional. Por trás desses grupos, as potências imperialistas disputam o controle de cada região no mapa.

Tudo indica que o imperialismo americano aprove o golpe do Taleban, porque se omitiu a respeito e certamente lhe interessa a opo-

sição do Taleban ao governo iraniano.

O Afeganistão esteve sob a opressão da antiga URSS. Foi invadido no início dos anos 80 pelas tropas soviéticas, que não conseguiram deter a guerra civil permanente. Com o colapso da URSS, as tropas foram retiradas e os conflitos se acirraram.

Trata-se de uma tendência geral a da guerra civil na região, após o colapso do estalinismo. Somente a revolução proletária poderia evitar essa tendência, estabelecendo a verdadeira autodeterminação e colaboração entre as nações.



**Revista Proletária da  
Educação nº 3**  
**Adquira com o  
distribuidor deste jornal.**

# Os camponeses foram traídos e não derrotados

A imponente marcha camponesa foi traída pela própria direção da CSUTCB e também pelo burocrata cobista.

## Avança o cerco gonista

Por estranho que pareça não cessam as conversações entre os dirigentes sindicais dos camponeses e dos empresários, buscando o "melhoramento" da lei INRA, que me sua essência é patronal e destinada a assentar as bases da acumulação da terra em mãos dos capitalistas.

Há que dizer em alta voz que os dirigentes sindicais, atuando contra os interesses dos camponeses e do país estão contribuindo para criar as condições para que no futuro imediato toda a terra se converta em grandes fazendas empresariais, o que importará para os

camponeses o retorno da escravidão.

Esta é uma traição indiscutível que vem cometendo os burocratas sindicais da CSUTCB.

Os marchistas dizem que seguirão resolutamente em busca da reconquista da terra e do território. Isso, falando com clareza, quer dizer que esses camponeses devem ocupar as terras imediatamente, com suas próprias mãos e empunhando os fuzis.

## Traição da burocracia da COB

A burocracia cobista, atuando fielmente conforme sua ideologia estalinista, não hesitou em decretar a greve geral por tempo indeterminado, mas com a segurança de que esta seria derrotada.

A greve geral se limitou, na verdade, à paralisação dos trabalhadores do magistério. Os universitários, os petroleiros etc. se limitaram a realizar paralisações simbólicas.

A experiência ensina que para efetivar a greve geral é preciso pôr em pé piquetes de greve, coisa que não quis fazer em nenhum momento a burocracia cobista.

Dessa maneira, os burocratas estalinistas traíram deliberadamente o

movimento camponês, o enfraqueceram frente ao governo.

## Tarefa que deve cumprir-se

Todos os setores de explorados e oprimidos devem conformar uma frente única, ajustar suas filas e organizar-se para iniciar quase de imediato uma arremetida contra a burguesia e seu governo.

Estamos falando da urgência de vitalizar a aliança operário-camponesa ao redor da política revolucionária do proletariado.

Os camponeses têm que cumprir uma tarefa urgente e inadiável: proceder a ocupação imediata de toda a terra e do território.

As outras classes sociais apontarão esta ação e defenderão tudo que foi conquistado, devendo, ao mesmo tempo, incorporar no movimento revolucionário todas as suas reivindicações setoriais e que se concretizam na luta por varrer com as 3 leis malditas.

Esse é o caminho da vitória.

(Extraído do Masas 1535, de 10/10/96, do POR boliviano).

Internacional



## ¡VIVA LA TESIS DE PULACAYO!

Contra el legalismo,  
el parlamentarismo  
mediocre y  
corrupto, la farsa  
democrática:  
¡ACCION DIRECTA  
DE MASAS!  
Frente anti-  
imperialista de la  
nación oprimida



50 años dirige la  
TESIS DE  
PULACAYO  
a los explotados y  
oprimidos  
y seguirá  
haciéndolo hasta  
sepultar al  
capitalismo  
putrefacto

¡VIVA LA ALIANZA OBRERO-CAMPESINA!  
REVOLUCION PROLETARIA  
¡VIVA LA DICTADURA DEL PROLETARIADO  
(Gobierno Obrero-Campesino)!

Extraído do Masas 1535, do POR boliviano